

COMUNICAÇÕES

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO CIENTISTA CARLOS ESTÊVÃO DE OLIVEIRA

Em 30 de abril de 1880, nasceu Carlos Estêvão de Oliveira, na cidade de Olinda, Pernambuco, filho do Dr. Antonio Estêvão de Oliveira e de D. Josefa Enedina de Oliveira. Faleceu na cidade de Fortaleza, Ceará, em 05 de junho de 1946.

Casou-se com D. Maria Izabel Estêvão de Oliveira, nascida Maria Izabel Uco Porto Carreiro, com quem teve três filhos: Antonio Carlos, Lygia e Dalmo Estêvão de Oliveira.

Bacharelou-se pela Faculdade do Recife. Quando acadêmico, possuidor de rara sensibilidade poética, juntamente com seu amigo Ademar Tavares e outros, publicou *Descantes*, de grande beleza lírica.

Em 1908, foi o então poeta e Bacharel nomeado para as funções de Promotor Público da cidade de Alenquer no Pará. Posteriormente, nesse mesmo Estado, ocupou os cargos de Delegado de Polícia, Consultor Jurídico das Obras Públicas, Delegado Regional da Fiscalização Bancária e, finalmente, foi nomeado Diretor do Museu Paraense "Emílio Goeldi".

A escolha para tal missão foi feita em decorrência das investigações desenvolvidas, anteriormente sobre Ornitologia e Etnografia da região pelo estudioso da Amazônia que foi Carlos Estêvão, com a composição paciente de coleções sobre os assuntos. Sobre Ornitologia "folclorizada", estudou as aves lendárias do seu conhecimento: a ave em seu ambiente, a biologia e a reprodução, a sua posição sistemática. Em segundo plano, abordou a alegoria e a lenda relativas à ave. Este estudo prolongou-se por 8 a 10 anos e as coleções organizadas foram doadas por sua família, após a sua morte, ao Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, onde foi estudada e classificada por Olivério Pinto, sendo publicada em *Papeis Avulsos*, vol. 13-pp. 111/222, Dep. de Zoologia da Secretaria de Agricultura, São Paulo, 1953.

O Museu Goeldi, sob sua direção e com a sua atuação, voltou a ser uma das maiores instituições científicas da América do Sul. Carlos Estêvão dedicou-se inteiramente à solução dos problemas da instituição e também à criação de novos serviços, tais como: a piscicultura, iniciando a reprodução em cativeiro de peixes da Amazônia, entre os quais o tucunaré, o apaiaiarí e o pirarucu, num sistema de lagos artificiais, propiciando a criação e posterior envio de alevinos para os açudes no Nordeste que, até hoje, se encontram povoados com tais espécies. As

coleções arqueológica e etnográfica foram acrescidas de novos e valiosos exemplares. Atenção igual merecem o Jardim Botânico e o Parque Zoológico.

Apaixonado pela fauna Amazônica, reunia no Museu Goeldi, no ano de 1937, 1007 animais dos mais exóticos. Convidado pelo Sr. Guilherme Guinle para cooperar na construção do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, Carlos Estêvão afirmou não ser necessário importar um só animal para construir o maior zoológico do mundo, isto devido à variedade da nossa fauna, extremamente rica, podendo ser colecionados de 3 a 4000 espécies.

O cientista continuava poeta, compondo poesias inspiradas nas regiões brasileiras da Amazônia e do Nordeste, como "Vitória Régia", "A Influência da Água", "Meu Banguê" e outras.

Não obstante a dedicação aos mais diversificados campos, como poeta, folclorista, zoólogo, a sua atenção especial era voltada com maior entusiasmo para a causa indígena. Juntamente com o cientista alemão Curt Nimuendajú, seu grande amigo, realizou pesquisas arqueológicas valiosíssimas sobre a cerâmica de Marajó e Santarém, procurando salvar o imenso acervo de relíquias arqueológicas do primitivo povo do Brasil e, no campo etnológico fez investigações sobre aspectos materiais e não-materiais das culturas dos indígenas brasileiros. Devotado etnólogo, entregou-se a esses estudos através de observação participante entre os remanescentes indígenas do Nordeste, perfeitamente integrado entre eles e onde fez as mais puras amizades.

Até seus últimos dias defendeu os índios lutando incessantemente para que permanecessem em suas terras até o término de suas existências. Para Carlos Estêvão, eles não durariam muito, uma vez que dos milhares de indivíduos, restavam apenas algumas dezenas, e citava João Mendes de Almeida, quando dizia ter sido o nosso indígena "os verdadeiros construtores das cidades e povoações após o descobrimento do Brasil". O etnólogo mostrou-nos que o índio foi realmente nosso benfeitor e lembrava no artigo "Em Nome dos Selvagens", dirigido ao Capitão Joaquim Barata: "Muito nos tem dado os nossos índios! Muito? Dizemos mal, pois na verdade, ele nos tem dado tudo: vida, pátria, pão, transporte, lenitivo, repouso e até riqueza! deram-nos a vida, dando-nos o sangue! Deram-nos a Pátria dando-nos a terra! Deram-nos o pão, dando-nos a farinha! Deram-nos o transporte, dando-nos a canoa! Deram-nos lenitivo para os nossos momentos de preocupação tristeza e de tédio, dando-nos o tabaco! Deram-nos o repouso das labutas diárias, dando-nos a rede! E deram-nos a riqueza, dando-nos a borracha!. Se perdemos-la a culpa não lhes cabe! E hoje que nada mais têm para nos dar porque, expatriados dentro de sua própria pátria, tudo quanto já nos deram, nós os 'civilizados', em 'recompensa' a tantos benefícios, que é que lhes damos?".

Sua coleção particular sobre os indígenas, iniciada em 1907, foi até 1930, sistematicamente visitada por personalidades brasileiras e estrangeiras que passavam por

Belém. Após a sua morte, e em cumprimento a sua vontade, este acervo unido a peças arqueológicas, compondo coleção de valor incalculável, foi doado, por sua família, ao governo de Pernambuco. Hoje encontra-se sob a guarda do Museu do Estado de Pernambuco (pelo ato 270 de 26/01/1952 do Exmo. Sr. Governador do Estado foi oficialmente denominada "Coleção Carlos Estêvão").

Conta a coleção de 3.198 exemplares, sendo 927 peças arqueológicas, onde se distinguem peças raras e belíssimas, com real destaque para a cerâmica de Marajó da Fase Marajoara (400 a 1.350 d.C.). Possui essa cerâmica desenhos geométricos minuciosos, pondo-se em relevo as igaçabas, os vasos antropomorfos e zoomorfos, fragmentos que apresentam detalhes curiosos. Na cerâmica de Santarém, salientam-se os famosos "cachimbos", ricamente trabalhados com desenhos em alto relevo.

Na coleção etnográfica, entre os adornos corporais, merece atenção especial a plumária de várias tribos, as peças de miçanga, sementes pequenas, pequenas esculturas de côco de Tucumã e Inajá; a cestaria apresenta grande variedade de trançados: envolvido, sarjado e enrolado; os tecidos indígenas lembram o crochê, o tricô e o filé; os objetos cerimoniais são representados, entre outros, por bastões de dança, faixa de cantadeira e colares; os instrumentos musicais são variados, e, entre o grande número de armas usadas para fins diversos, estão arcos, flechas, bordunas e lanças num total de 844 peças.

Como resultado de suas pesquisas, deixou Carlos Estêvão numerosos trabalhos de caráter científico entre eles: "Os Apinaje do Alto Tocantins", "A Cerâmica de Santarém", "O Ossuário da Gruta do Padre"; comentários sobre: "Remanescentes Indígenas do Nordeste", "Uma Lenda Tapuia do Alto do Tocantins" e "Os Carnijós de Águas Belas".

Foi membro do Instituto Geográfico e Arqueológico de Pernambuco, do Pará e do Ceará, da Academia Paraense de Letras, e da Sociedade Entomológica do Brasil. Foram-lhe conferidos títulos representativos do Museu Nacional, da Sociedade de Estudos Brasileiros e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Agradecendo ao grande sábio sua valiosa contribuição ao desenvolvimento cultural brasileiro e as suas contribuições ao acervo antropológico da Instituição, o Museu do Estado, através da Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte do Estado de Pernambuco, prestou justa homenagem ao centenário de seu nascimento, no período de 11 de abril a 15 de junho de 1980, quando abriu seus salões ao povo brasileiro apresentando a "Coleção Carlos Estêvão".

Maria Iracy Vieira da Cunha
Museu do Estado, Recife-Pe.